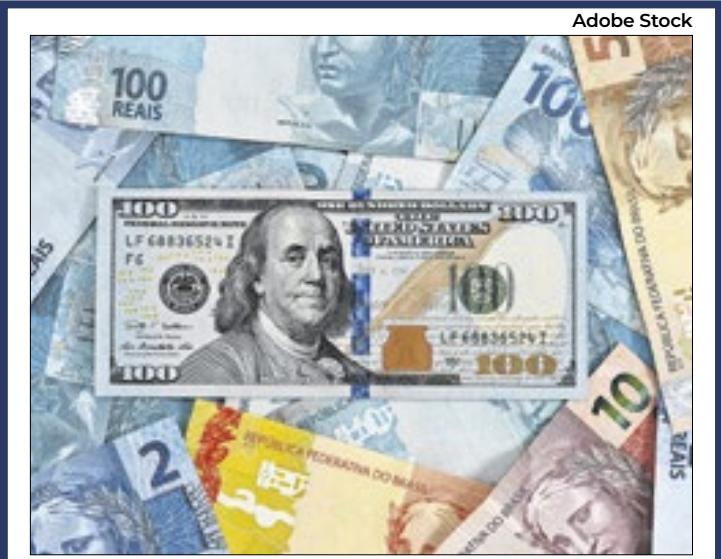


CORREIO ECONÔMICO



Dólar dá ‘trégua’, enquanto ‘tarifaço’ dos EUA não vem

Falta de ‘tarifaço’ de Trump acaba derrubando dólar

A não imposição ‘imediata’ de tarifas de importação, pelo recém-empossado Donald Trump no cargo mais poderoso do planeta, trouxe ‘alívio’ às divisas dos países emergentes exportadores de commodities, como o Brasil, o que serviu para que o dólar apresentasse, nessa segunda-feira (20) queda moderada de 0,39%, a R\$ 6,0421, com desvalorização de 2,23% em janeiro.

Perda de fôlego
A ‘perda de fôlego’ no desempenho do real, além de ajustes técnicos e menor fluxo no mercado, decorreu do aumento da percepção de risco inflacionário e pela recorrente piora das expectativas de inflação para 2025 e 2026, projetada pelo boletim Focus.



BNDES garante plano de investimento da FCA

BNDES libera R\$ 500 milhões para concessionária de ferrovia

Voltado ao custeio de parte do plano de investimentos de R\$ 3,9 bilhões da FCA (que vai até o término da concessão, em agosto de 2026), o financiamento de outros R\$ 500 milhões foi aprovado pelo BNDES para a concessionária da Ferrovia Centro-Atlântica (FCA), controlada pela empresa logística VLI Multimodal.

Renovação
Entre as maiores do país (7,2 mil quilômetros), a malha da FCA apresenta uma parte dela inoperante, o que motivou a VLI a propor a renovação da concessão, em processos abertos no governo anterior, para extensão de contratos, em troca de novos investimentos.

Superávit
Mediante exportações de US\$ 6,446 bilhões e importações de US\$ 5,09 bilhões, a balança comercial brasileira obteve, na terceira semana de janeiro, superávit de US\$ 1,356 bilhão, segundo dados divulgados pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do MDIC.

Apesar de apresentar, neste mês, desempenho superior às demais, o real ficou atrás dos ganhos auferidos pelas divisas latino-americanas, sobretudo, o peso mexicano. O comportamento adverso do ativo tupini-quim ocorreu, a despeito da intervenção do Banco Central (BC) no câmbio, mediante a venda de US\$ 2 bilhões, nessa segunda-feira (20).

Baixa liquidez
Pelo ângulo externo, a fragilidade do real refletiu o fechamento das bolsas americanas e do mercado de Treasuries, pelo feriado de Martin Luther King Jr., o que reduziu muito a liquidez internacional, além de deixar a taxa de câmbio mais sujeita a operações pontuais.

Boletim Focus eleva IPCA pela 14ª vez consecutiva

Indicador de inflação para 2025 sobe de 5% para 5,08; PIB vai a 2,04%

Por Marcello Sigwalt

Acumulando a décima-quarta alta seguida, a projeção do boletim Focus – consulta semanal do Banco Central (BC) às 100 maiores instituições financeiras do país – para o IPCA deste ano voltou a subir, desta vez, de 5% para 5,08%, conforme divulgou a autoridade monetária, nessa segunda-feira (20). De igual modo, a expectativa da ‘banca’ é de que o indicador oficial de inflação suba de 4,05% para 4,10% no próximo ano. Enquanto continuou estável em 3,90% para 2027, o índice subiu de 3,56% para 3,58%, para o ano seguinte.

Mantendo o ritmo de crescimento ‘tímido’ das últimas semanas, talvez como reflexo do forte aperto monetário em curso, a estimativa do PIB para este ano subiu de 2,02% para 2,04%, mas caiu de 1,80% para 1,77%, para 2026. Já para 2027 e 2028, a projeção estacionou em 2%, há 78 semanas e 45 semanas, respectivamente.

Enquanto o mercado man-



Elevação crescente de projeções do IPCA atesta crise fiscal da gestão federal

tém a ‘profissão de fé’, de que a Selic (taxa básica de juros) deverá fechar o ano em 15% ao ano, para 2026, esta previsão cresceu de 12% para 12,25%; a de 2027 ficou estável em 10,25% ao ano e em 10% ao ano para 2028, como há quatro semanas.

Referência para a qualidade das contas públicas, o resultado primário brasileiro para 2025

permaneceu estável, pela quarta semana seguida, em um déficit de 0,60% do PIB, e em -0,50% do PIB para 2026. Para 2027, este ficou em -0,30% do PIB, há cinco semanas, recuando de -0,06% do PIB para -0,04% do PIB, para 2028.

Já o prognóstico para a dívida líquida do setor público este ano ‘estacionou’ em 66,95 do

PIB em 2025, o mesmo valendo para 2026, em 71,19% do PIB. As estimativas para 2027 subiram de 74,10% do PIB para 74,15% do PIB e de 76,43% para 76,46% para 2028.

A projeção de superávit comercial em 2025 caiu de US\$ 73,95 bi para US\$ 73,40 bi, mas o estimado permaneceu em US\$ 77 bi para 2026.

Itaú: Selic chega 15,75% a.a. este ano

O Itaú passou a ver a taxa Selic em 15,75% ao fim de 2025, de 15% anteriormente, apontando para a desancoragem adicional das expectativas de inflação e maior deterioração do real no último mês como razões para a projeção de um aperto mais acentuado nos juros pelo Banco Central.

Em dezembro, o Banco Central elevou a taxa Selic em 1 ponto percentual, a 12,25% ao ano, e sinalizou mais dois aumentos da mesma magnitude nas primeiras duas reuniões do ano, o que levaria a taxa a 14,25%.

Desde então, as expectativas de inflação do mercado para este ano e o próximo têm piorado. Na pesquisa Focus divulgada nesta segunda, os analistas consultados pelo BC previram que o IPCA atingirá alta de 5,08% e 4,1% em 2025 e 2026, respectivamente.

Em 9 de dezembro, última

pesquisa publicada antes da decisão do Comitê de Política Monetária (Copom), os analistas viam a inflação em 4,59% neste ano e em 4% no próximo.

Em 18 de dezembro, o dólar ainda atingiu a máxima histórica de 6,2679 reais, o que piorou a percepção dos agentes financeiros com os indicadores macroeconômicos, mesmo que venha recuando e se aproximando do patamar de R\$ 6, nas semanas seguintes.

“Real mais depreciado e expectativas desancoradas indicam a necessidade de avançar ainda mais em território contracionista”, apontou o economista-chefe Mário Mesquita.

“Caso haja nova rodada de depreciação da moeda e/ou deterioração adicional das expectativas, não é possível descartar uma extensão do ciclo e eventualmente, uma postergação dos cortes em 2026”, acrescentou.

Sem ‘sustos’ de Trump, bolsa sobe 0,41%

O discurso de posse, sem surpresas, do presidente Donald Trump nesta segunda-feira, 20, manteve o Ibovespa no campo positivo até o fechamento do dia, em alta de 0,41%, aos 122.855,15 pontos, com giro muito enfraquecido neste feriado nos Estados Unidos pelo Dia de Martin Luther King Jr. O índice oscilou de 121.511,13 até 123.171,63, em alta de 0,67% na máxima do dia perto do fim da sessão, em que saiu de abertura aos 122.348,99 pontos. O giro foi de apenas R\$ 11,7 bilhões. Concluídos dois terços do mês, o Ibovespa acumula ganho de 2,14% em janeiro.

Em discurso mais curto do que na posse anterior em 2017, Trump reafirmou sua preocupação com a segurança interna, e prometeu levar adiante deportações como providência inicial do governo. Reafirmou também o



Bolsa mostra ‘alívio’ com discurso ameno de republicano

compromisso de revitalizar a indústria de petróleo e gás, bem como o de ressuscitar setores manufatureiros tradicionais, como o automotivo. Não falou da Groenlândia ou do Canadá, mas apontou o dedo para o Canal do Panamá, que prometeu retomar para os

Estados Unidos, sem especificar de que forma o fará. E fez alguns gestos simbólicos, inclusive um aceno a Elon Musk, da Space X, ao apoiar a intenção de uma missão tripulada a Marte logo no discurso de posse. Trump insistiu também que o Golfo do México

seja rebatizado como Golfo da América, sem se alongar no assunto.

China foi um ponto tangenciado no discurso, mencionado quando Trump se referiu ao Canal do Panamá, que estaria sendo usado de forma vantajosa pelos chineses em detrimento de embarcações americanas – punidas, segundo ele, por tarifas injustas pelos panamenhos, que assumiram, por concessão dos EUA, a gestão do canal em 1999.

Sem a referência de Nova York na sessão, o retrato do Ibovespa antes e depois do discurso de posse foi semelhante. O índice da B3 manteve discreta alta, em sessão com poucos catalisadores domésticos para os negócios.

Entre as principais ações do Ibovespa, Vale ON destoava desde cedo, em baixa de 0,37% no fechamento. O dia foi de variação contida para Petrobras, com a ON em alta de 0,72% e a PN, de 0,24%.

Juros futuros iniciam semana em baixa

As taxas dos contratos futuros de Depósito Interfinanceiro (DI) terminaram o primeiro pregão da semana em baixa, reagindo à ausência de surpresas no discurso de posse do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e corrigindo parte do avanço observado na sexta-feira, 17, quando tiveram um leve descolamento dos mercados de juros globais.

Os juros futuros chegaram a subir mais cedo após

dados publicados no boletim Focus mostrarem piora nas expectativas de inflação e um aumento na previsão para a taxa Selic ao final de 2026. No entanto, passaram a cair diante da notícia de que Trump evitaria adotar tarifas de importação logo no início do mandato, o que se confirmou no discurso de posse.

“Ele fez referências genéricas em termos de implementar tarifas, mas não anunciou

nenhuma medida de fato. O que se viu foi uma continuação do movimento de fraqueza do dólar e isso de uma forma geral traz um pouco mais de apetite por risco. Os mercados locais acabam se beneficiando”, disse Huang Seen, head de renda fixa da Schroders.

“Esse foi o gatilho de melhora, inclusive para as moedas: ele não colocar a tarifa agora, principalmente sobre China”, disse Daniel Miraglia, econo-

mista-chefe do Integral Group. Ele ressaltou no entanto, que o volume de negócios foi baixo hoje em função do feriado nos Estados Unidos, o que pode ter exacerbado um pouco o movimento das taxas.

Gustavo Okuyama, gestor de renda fixa da Porto Asset, aponta que no Brasil as taxas conseguiram recuar do fim de 2024 para cá tanto por uma melhora no cenário externo quanto por questões técnicas.